THOMAS GOODWIN



A VAIDADE DOS PENSAMENTOS

A VAIDADE DOS PENSAMENTOS

Por Thomas Goodwin

The Vanity of Thoughts Discovered: with their danger and cure

Traduzido por Tiago Cunha

Revisado por Ilsa Cunha

1ª Edição em português: Julho de 2018

Todos os direitos reservados

A VAIDADE DOS PENSAMENTOS

Sumário

PREFÁCIO DO TRADUTOR
O QUE SÃO OS PENSAMENTOS
O QUE É A VAIDADE
POR QUE OS PENSAMENTOS SÃO VÃOS
EM QUE A VAIDADE DOS PENSAMENTOS CONSISTE
PRIMEIRA APLICAÇÃO
SEGUNDA APLICAÇÃO
REMÉDIOS CONTRA OS PENSAMENTOS VÃOS

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Traduzir a obra de um puritano como Thomas Goodwin não é uma tarefa simples. Goodwin ainda é pouco conhecido no Brasil e esta é a primeira de suas obras traduzida para o português[i]. Joel Beeke e Randall Pederson afirmam que "é preciso ter paciência para ler Goodwin; contudo, juntando profundidade e redundância, ela dá uma sensação de paixão e experiência. A paciência do leitor será amplamente recompensada"[ii].

A presente tradução foi feita com base no texto original escrito por Goodwin, na edição

publicada por James Nichol, no século XIX. Busquei, sempre que possível, produzir um texto que pudesse ser lido com relativa fluência pelo leitor brasileiro, ao mesmo tempo que permaneci fiel à obra original. Tomei a liberdade de quebrar parágrafos muito extensos, ao mesmo tempo que incluí alguns subtítulos que não estão presentes na obra original. Espero que isso facilite ao leitor seguir a argumentação de Goodwin. Grande parte do vocabulário, da sintaxe e do estilo presentes na obra de Goodwin não estão mais em uso no inglês. Em algumas situações, foi necessário reler algumas vezes uma oração ou um período para entender o sentido exato das palavras usadas pelo autor. No mais, espero que essa obra traga benefícios para todos aqueles que desejam levar a sério o mandamento de levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo. *Tolle lege.*

“Até quando hospedarás contigo os teus maus pensamentos?” (**Jeremias 4:14**)

Nessas palavras, o profeta compara o coração a alguma casa de hospedagem comum, feita, por assim dizer, com muitos e amplos cômodos para distrair e hospedar multidões de visitantes. Nela têm franco e livre acesso, antes da conversão, todos os pensamentos vãos, desprezíveis, maliciosos, profanos e dissolutos, os quais põem o mundo de cabeça para baixo, como ocorre com os nossos pensamentos. Amotinando-se todo o dia, o coração os hospeda; dá-lhes voluntárias e alegres boas-vindas e entretenimento; acompanha-os; viaja por todo o mundo em busca dos mais requintados prazeres para

alimentá-los; abriga-os; dá-lhes refúgio; e lá eles, como galãs e fanfarrões desgovernados, abrigam-se e festejam dia e noite, degradando as salas em que habitam com seu lixo e vômito repugnantes.

"Até quando", diz o Senhor, "habitarão contigo", enquanto eu, com meu Espírito, meu Filho e as cadeias de graça "permanecemos à porta, batendo" (Ap 3.20) e não podemos achar admissão?

De toda a imundície e das demais coisas deve o coração, essa casa, ser lavado: "Lava teu coração da malícia". Lavado, não apenas varrido de males mais grosseiros, como em Mateus 12.43 diz-se que a casa a qual o espírito maligno retorna está varrida de males que são mais leves e superficiais. Mas o coração deve ser lavado e limpo daquelas corrupções que se apegam mais firmemente e são incorporadas e trabalhadas no espírito. E aqueles convidados vãos e desgovernados devem ser

despejados de casa sem aviso; lá permaneceram o suficiente e por tempo demais. “Até quando?” “Pois basta o tempo decorrido”, como fala o apóstolo. Eles não mais podem lá se hospedar.

A casa, a alma, não deve ser demolida na conversão, mas apenas esses convidados despejados; e, ainda que não possam ser mantidos fora, pois ainda entrarão enquanto estivermos neste vaso de barro, entretanto, não devem mais ganhar hospedagem. Se pensamentos de ira e vingança entram de manhã ou durante o dia, devem ser despejados antes do anoitecer: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira”, para que não venham a abrigar no coração um hóspede pior do eles (Ef 4.27): “Nem deis lugar ao diabo”, pois acontecerá que trará sete piores do que ele. Se os pensamentos impuros se oferecem para deitar-se com você quando reclinar, não deixe que com você se hospedem.

Enfim, não são os pensamentos que estão em seus corações e passam por eles, mas sim os que estão hospedados os que fazem a diferença no seu arrependimento. Muitos bons pensamentos e disposições podem passar como estranhos através do coração de uma pessoa má; e, do mesmo modo, multidões de pensamentos vãos podem fazer do coração do crente uma avenida e perturbá-lo nos bons deveres, com batidas e interrupções e rupturas sobre o seu coração. Porém, ainda assim, lá não se hospedam, não são acalentados e abrigados.

Meu alvo, no nosso ritmo costumeiro, é revelar a impiedade e vaidade do coração, por natureza. No coração, não estamos ainda senão na sua superfície, no entendimento e nas suas corrupções, que devem ser lavadas do lado de fora; e a próxima corrupção que pretendo abordar em minha exposição é aquela que aqui é especificada como: A VAIDADE DOS PENSAMENTOS. Foi

somente para a exposição desse tema que escolhi este texto como base.

É nisso, portanto, que especialmente insisto; um assunto que, confesso, de todos se provaria o mais vasto. Fazer uma descoberta exata e específica das vaidades de nossos pensamentos, viajar por toda a criação e investigar e dar um relato de toda essa vaidade que abunda em todas as criaturas foi, vocês sabem, tarefa para o mais sábio dos homens – tarefa de Salomão – a fina flor de seus estudos e labores. Mas a vaidade de nossos pensamentos está como que multiplicada em nós. Este microcosmo humano permite mais variedades de vaidades do que o macrocosmo. Nossos pensamentos tornaram a "criação sujeita à vaidade" (Rm 8.20); portanto, eles próprios estão muito mais sujeitos à vaidade.

Abordando-os, mostrarei:

1. O que se quer dizer por pensamentos;

2. O que se quer dizer por vaidade;

3. Por que nossos pensamentos são vãos;

4. Em que essa vaidade consiste, tanto no geral como em exemplos particulares.

O QUE SÃO OS PENSAMENTOS

I. Primeiro, o que se quer dizer por *pensamentos*, especialmente pelo fato de serem o assunto objeto deste discurso, ao qual, por ser de tão vasto escopo, devo necessariamente impor limites.

A. Por pensamentos, as Escrituras compreendem todos os atos internos da mente humana, sejam quais forem as suas faculdades. São todos aqueles raciocínios, consultas, propósitos, resoluções, intentos, fins, desejos e cuidados da mente humana, no que se opõem às palavras e aos atos exteriores. Assim, em Isaías 66.18, todos os atos são divididos em dois: "Conheço as suas *obras* e os seus *pensamentos*". O que é ordenado dentro

da mente é chamado de *pensamento*; aqueles que, desse modo, manifestam-se e externam-se em ações são chamados *obras*.

Também em Gênesis 6.5 encontramos a expressão "toda imaginação dos pensamentos", todas as criaturas que a mente molda dentro de si, os propósitos e desejos, isso tudo "era mau". Aqui, por pensamentos, se entende tudo o que "procede da mente" (como se vê em Ezequiel 11.5) e, desse modo, de fato vulgarmente usamos e entendemos a palavra. Logo, "lembrar-se" de um homem é "pensar" nele (Gn. 40.4); preocupar-se com um assunto é "pensar nele" (1 Sm 9.5). E a razão pela qual tudo isso pode ser chamado de pensamento é porque, de fato, todas as afeições, desejos, propósitos são provocados pelos pensamentos, alimentados, fomentados e nutridos por eles. Nenhum pensamento passa sem que provoque

alguma afeição de temor, alegria, cuidado, tristeza *etc.*

Contudo, ainda que sejam tão largamente entendidos aqui, não pretendo abordar a vaidade deles em sentido tão amplo agora. Devo me confinar, tão estritamente quanto puder, à vaidade daquilo que é mais propriamente chamado de poder de pensar, meditar e considerar do homem, que está no seu entendimento ou espírito. Esse é o assunto que tenho em vista. Nesse sentido, os pensamentos não são opostos apenas às obras, mas também aos propósitos e intenções. Assim como em Hebreus 4.12, com relação à alma e ao espírito, também pensamentos e propósitos parecem ser opostos. Em Jó 20.2,3, os "pensamentos" são equivalentes ao "espírito do entendimento". Quanto ao entendimento, ainda que mais estritamente, não pretendo falar de todos os pensamentos neles, na sua generalidade, nem dos raciocínios ou

deliberações em nossas ações, mas dessas contemplações apenas na sua parte especulativa.

Portanto, não posso me expressar a vocês em outros termos, senão: “aqueles primeiros conceitos e apreensões mais simples que surgem, aquelas fantasias e meditações que o entendimento, com a ajuda da imaginação, fabrica em si mesmo, aqueles com os quais suas mentes ponderam e meditam e se concentram nas coisas, esses eu tomo como pensamentos”. Refiro-me àquelas conversas de nossas mentes com as coisas que conhecemos, como se refere a Escritura (Pv 6.22).

Essas mesmas discussões, entrevistas e conversas a mente mantém com as coisas que nela se encontram, com as coisas que tememos, com as coisas que amamos. Pois a mente faz de todas essas coisas suas companheiras, e nossos pensamentos sustentam argumentos sobre elas e têm milhares de

conceitos sobre elas. Isso é o que quero dizer por pensamentos. Pois, além daquele poder de raciocínio e de deliberação, pelo qual perguntamos continuamente a nós mesmos sobre o que faremos, pelo qual ponderamos e discutimos as coisas, que é um armário mais interior – a cabine e o concílio privados do coração –, há uma hospedaria mais exterior, uma sala de audiências, que distrai todos os convidados, que é o poder de pensar, de meditar e de ponderar no homem, o qual sugere matérias para as deliberações, consultas e raciocínios; que sustenta os objetos até que os tenhamos visto; e que entretém todos os que vêm falar com qualquer uma de nossas afeições.

B. Adiciono a expressão "que a mente fabrica dentro de si". Assim a Escritura expressa sua origem para nós e sua maneira de surgir (Pv 6.14): "Perversidade há no seu coração", "ele forja o mal", como um metalúrgico faz o ferro, forjando-o. Os

pensamentos são a matéria-prima dessa perversidade em nós. A mente gera alguns pensamentos e imaginações a respeito de todas as coisas que nos são apresentadas. E, assim como os desejos pecaminosos, também os pensamentos são concebidos (Tg 1, Is 59.5): "Concebem o mal e dão à luz a iniquidade. Chocam ovos de áspide e tecem teias de aranha". No v. 7, Isaías fala dos "pensamentos de iniquidade", porque nossos pensamentos são extraídos de nossos próprios corações, são ovos de nossa cria, ainda que as coisas que nos são apresentadas venham de fora.

Acrescento essa distinção para discerni-los de pensamentos como os que são introduzidos e lançados apenas de fora, que são filhos de outra cria, e com frequência dispostos do lado de fora: assim são os pensamentos blasfemos incitados por Satanás, pelos quais, se a alma for meramente passiva, (como implica a palavra "esbofetear", em 2

Coríntios 12.7) eles não lhe pertencem, mas sim ao diabo. Nessa circunstância, uma pessoa é semelhante a alguém em uma sala com outra pessoa, onde a ouve praguejar e amaldiçoar, mas não pode se livrar dela. Esses pensamentos, se forem somente "de fora", não corrompem uma pessoa. Pois "nada corrompe o homem senão o que vem de dentro" (Mt 15.18,19). Contudo, o que foi gerado no coração pelo diabo, como os pensamentos impuros, ainda que tenham o diabo por pai, não deixa de ser o coração a mãe e o útero, e, por conseguinte, eles afetam o coração, como os bebês naturais o fazem. Assim podemos distinguir um do outro, isto é, quando tivermos um coração mole, um amor interior por esses pensamentos, de modo que nossos corações verdadeiramente beijem a criança, então eles são nossos pensamentos. Quando o coração choca esses ovos, não deixam, então, de ser nossos pensamentos, ainda que venham de fora.

Contudo, pode-se adicionar o seguinte, que mesmo aqueles pensamentos para os quais a alma é passiva e que são lançados de fora por Satanás, os quais de modo algum são nossos, com os quais ele arrebata o coração, em vez de produzi-los em nós, (se não houve nenhum assentimento a eles em nós, então nada mais é do que um estupro, como está na Lei), penso que esses pensamentos são punições pela nossa frequente negligência quanto aos pensamentos e pela nossa permissão para que eles vagueiem, como foi com Diná, pois ela, saindo astutamente "para avistar as filhas da terra", foi pega e arrebatada, mesmo que contra a sua vontade, e sofreu o castigo por sua curiosidade. Ou então eles são a punição pela negligência das boas influências do Espírito, as quais, ao lhes resistirmos, por este modo O afrontamos, e assim Ele trata conosco como tratamos com nossos filhos, permitindo que nos assustemos com fantasmas e que sejamos

perturbados por Satanás, para que aprendamos o que significa negligenciá-lo e hospedar a vaidade.

Por último, acrescento “aquilo que a mente, em e por si, ou com a ajuda da imaginação, assim gera e entretém”, porque não há nenhum pensamento ou semelhança de coisas, em tempo algum, em nossa imaginação, que não esteja, ao mesmo tempo, também refletido no entendimento. Como quando dois espelhos são colocados de frente e próximos um do outro, o que aparecer em um também aparecerá no outro.

O QUE É A VAIDADE

II. Em segundo lugar, vejamos o que é a *vaidade*. Tome-a na acepção que quiser, a verdade é que os nossos pensamentos são vãos pelos seguintes motivos.

A. Devido à sua *esterilidade*. Assim Eclesiastes 1:2,3 diz que "tudo é vaidade" porque "não há proveito neles debaixo do sol". Assim são nossos pensamentos por natureza. O mais sábio deles não permanecerá constante em tempo de necessidade, de tentação, de aflição de consciência, no dia da morte ou julgamento. "Toda a sabedoria dos sábios se reduz a nada" (1Co 2.6); "o coração dos ímpios é de pouco valor" (Pv 10.20), não vale um centavo. Já os pensamentos do homem piedoso são seu tesouro, pois "do bom tesouro de seu

coração tira coisas boas". Ele os forja e são apresentados como suas riquezas. "Como são preciosos!" (Sl 139.17). Ele aqui fala de nossos pensamentos que têm Deus por objeto. "Teus pensamentos" – isto é, os pensamentos sobre Deus – "são preciosos."

B. Devido à sua *leveza*. "São mais leves que a vaidade", é a frase usada no Salmo 62:9, e de quem se fala? Das pessoas. E se algo nelas é mais leve do que as outras coisas são os pensamentos, os quais nadam nas partes superiores, flutuam no topo, são como as escórias do coração. Quando todos os pensamentos melhores, mais sábios, mais profundos e mais sólidos de Belsazar, um príncipe, foram pesados, descobriu-se que eram leves demais (Dn 5.7).

C. Devido à sua *tolice*. Assim em Provérbios 12.11, "os homens vãos" são igualados com os

“faltos de senso”. Assim são nossos pensamentos. Entre outros males que são ditos “procederem do coração”, em Marcos 7.22, “*afrosýne*” é um deles, isto é, a tolice. São os pensamentos que os loucos e os tolos têm, verdadeiros disparates, dos quais não se pode ter proveito. São pensamentos soltos, que não se sabe de onde procedem nem para onde vão.

D. Devido à sua *inconstância* e debilidade. É por isso que a vaidade e a sombra são igualadas (Sl 144.4). Assim são nossos pensamentos, flutuantes e efêmeros, como bolhas. Como diz o salmista: “Todos os seus pensamentos perecem” (Sl 146.4).

E. Por fim, são vãos, ou seja, realmente *ímpios e pecaminosos*. A vaidade aqui no texto é pareada com a impiedade; e os homens vãos e os filhos de Belial[iii] são igualados em 2 Crônicas 13.7. Essa é a natureza de nossos pensamentos. “O pensamento tolo é pecado” (Pv 24.9). Portanto, uma

pessoa deve ser humilhada por ter um pensamento soberbo (Pv 30.32). Pois é isso que quer dizer “pôr a mão à boca” nessa passagem, e, em Jó 40.4, “ser indigno” aos seus próprios olhos.

POR QUE OS PENSAMENTOS SÃO VÃOS

III. Uma vez que este é o sentido em que principalmente devo insistir ao tratar da vaidade dos pensamentos, e pelo fato de as pessoas acharem com frequência que seus pensamentos são livres, prová-los-ei, portanto, aquilo que é minha única doutrina levantada, isto é, que *os pensamentos podem ser pecados*, pelas seguintes razões.

A. A lei os julga (Hb 4:12) e repreende alguém por causa deles (1Co 14:25); portanto, são transgressões da lei. E assim também Cristo repreende os fariseus por seus "maus pensamentos" (Mt 9.4). Isso demonstra a excelência da lei, que

alcança até os pensamentos.

B. Porque são *passíveis de perdão* e devem ser perdoados ou não seremos salvos (At 8.22). Isso demonstra a multidão das misericórdias de Deus, visto que os pensamentos são tão infinitos.

C. Eles são passíveis de *arrependimento*; pois se diz que o arrependimento deve começar neles. Assim diz Isaías: "Que o homem mau abandone seus pensamentos" (Is 55.7). Uma pessoa nunca está verdadeira e totalmente moldada, como 2 Coríntios 10.4,5 diz, até que "leve cativo todo pensamento à obediência de Cristo". Isso demonstra que os pensamentos são naturalmente rebeldes e contrários à graça. Também demonstra o poder da graça, que é capaz de reger e subjugar um exército tão numeroso, como é o caso dos nossos pensamentos, e ordená-los todos, como fará um dia, quando formos perfeitamente santos.

D. Eles *corrompem o ser humano*; a quem

nada corrompe, exceto o pecado: "Do coração, procedem maus pensamentos; estes corrompem o homem" (Mt 15.18,19).

E. Eles são uma *abominação para o Senhor*, que nada odeia, exceto o pecado, e cujos "olhos puros não podem contemplar a iniquidade" (Hc 1.13). Assim como boas meditações são aceitáveis (Sl 119.14), também, pela regra do contrário, as más são abomináveis.

F. Eles *atrapalham todo bem* que devíamos fazer e estragam nossas melhores realizações. Os pensamentos vãos arrastam consigo o coração, de modo que, quando alguém se aproxima de Deus, seu coração, sua razão e pensamentos "estão longe dele" (Is 29.13). O coração do homem segue atrás de sua cobiça, quando devia atentar, como fala o profeta, sobre a razão de seu coração assim proceder. Agora, nada além do pecado poderia nos separar de Deus; e o que de fato nos aliena dele é o

pecado, é a inimizade contra ele.

G. Nossos pensamentos são os *primeiros motivadores de todo mal em nós*. Pois eles são a causa do movimento e também trazem o coração e o objeto juntos, são alcoviteiros para nossas luxúrias, vigiam o objeto até que o coração tenha adulterado com ele e cometido loucura. Na impureza especulativa e em outras desejos pecaminosos, eles oferecem as imagens daqueles deuses que criam, diante dos quais o coração se ajoelha e os adora. Eles apresentam o crédito, as riquezas, a beleza, até que o coração os tenha adorado, e isso quando as próprias coisas estão ausentes.

EM QUE A VAIDADE DOS PENSAMENTOS CONSISTE

IV. Exponho agora aqueles exemplos particulares em que essa vaidade do pensamento e do poder meditativo da mente consiste:

A. *Primeiro,* eu a mostrarei em relação ao pensar o que é bom, quão incapaz e relutante o coração é para os bons pensamentos; e, *segundo*, em relação a sua prontidão para pensar o mal e as coisas vãs.

Quanto ao *primeiro* ponto, percebe-se essa vaidade:

1. Na falta de capacidade de originar e de extrair, ordinária e naturalmente, considerações e

pensamentos santos e úteis de todas as situações e ocasiões comuns, o que a mente, até onde seja santificada, é capaz de fazer.

Um coração santificado e em cujas afeições a graça verdadeira é inflamada, a partir de todos os procedimentos de Deus para com ele, a partir de todas as coisas que vê e ouve, a partir de todos os objetos que são introduzidos nos pensamentos, destila santas, doces e úteis meditações. E ele o faz naturalmente, ordinariamente, até onde seja santificado. Desse modo era com nosso Salvador Jesus Cristo, pois todos os discursos que ouvia, todos os acidentes e ocorrências faziam surgir e ocasionavam nele meditações celestiais, como podemos ver por todos os Evangelhos. Quando esteve junto ao poço, falou da "água da vida" (Jo 4). Muitos exemplos poderiam ser dados. Ele, em seus pensamentos, traduzia o livro das criaturas em livro da graça, assim como fazia o coração de Adão no

estado de inocência. Sua filosofia poderia ser verdadeiramente denominada teologia, pois via Deus em tudo. Todas as coisas elevavam seu coração à ação de graças e ao louvor.

Também assim, agora, nossas mentes, até onde estejam santificadas, o farão. Assim como a pedra filosofal transforma em ouro todos os metais, como a abelha suga o mel de toda flor, e como um bom estômago absorve nutrição doce e sadia de tudo aquilo que chega a si, desse modo um coração santo, até onde esteja santificado, converte e digere tudo em pensamentos espirituais úteis. Isso pode ser visto no Salmo 107.43. Esse salmo dá muitos exemplos da providência de Deus e das "suas maravilhas para com os filhos dos homens", como libertações do mar, onde os homens veem suas maravilhas; libertação dos cativos, *etc.* A base da canção é: "Rendam graças ao Senhor por sua bondade e por suas maravilhas para com os filhos

dos homens". Mas, após todos esses exemplos, ele conclui que, embora outros menosprezem essas ocorrências com os ordinários pensamentos triviais, ele, contudo, diz: "Os retos veem isso e se alegram", isto é, extraem pensamentos confortáveis disso tudo, que serão matéria de alegria. O salmista diz: "Quem é sábio atente para essas coisas", isto é, faz observações santas disso tudo e, a partir de um princípio de sabedoria, entende a bondade de Deus em tudo, e assim seu coração é elevado para pensamentos de louvor, ações de graças e obediência.

Agora compare com esse o Salmo 92, feito para o dia de descanso, quando, em imitação a Deus, que nesse dia contemplou suas obras, ainda devemos, no nosso Dia do Senhor, fazer surgir pensamentos santos e louváveis dele a partir dessas obras, para a Sua glória, o que fez o autor desse salmo: "Quão grandes, SENHOR, são as tuas obras!

O inepto não compreende, e o estulto não percebe isto" (v. 1, 2, 5 e 6). Ou seja, sendo como um animal selvagem, não tendo nenhum princípio santificado de sabedoria em si, não tem um olhar mais acurado que uma fera para todas as obras de Deus e as ocorrências das coisas; olha para todas as bênçãos como coisas providas por Deus para o deleite do homem; mas raramente extrai pensamentos santos, espirituais e úteis disso tudo, pois lhe falta a arte para fazê-lo.

Se os outros nos prejudicam, o que nossos pensamentos filtram desses agravos, senão pensamentos de vingança? Meditamos sobre como retaliarmos o mal. Mas veja com que naturalidade a mente de Davi filtra outros pensamentos, quando amaldiçoado por Simei: "Deixai-o; que amaldiçoe, pois o SENHOR lhe ordenou". Isso poderia se provar um bom sinal do favor de Deus, pois: "Talvez o SENHOR olhará para a minha aflição e o

SENHOR me pagará com bem a sua maldição deste dia" (2Sm 16.11,12). Quando vemos julgamentos sucederem-se uns aos outros, nossas mentes se prontificam a entreter severos pensamentos de censura contra nosso irmão, como fizeram os amigos de Jó. Mas um homem piedoso, cuja mente é muito santificada, a partir disso deriva outros pensamentos: "O homem perverso mostra dureza no rosto, mas o reto considera o seu caminho" (Pv 21.29).

Semelhantemente, quando misericórdias externas nos sobrevêm, os pensamentos mais rápidos que costumamos ter é projetar a tranquilidade que a riqueza nos trará: "Tens muitos bens para muitos anos"; e quando julgamentos nos sobrevêm, somos rápidos em nos encher com pensamentos de murmuração, temores e cuidados sobre como nos desembaraçaremos. Mas quais foram os primeiros pensamentos que Jó teve quando

recebeu as notícias de que perdera tudo? “Deus deu, e o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor”.

Pensamentos como esses, que todas as oportunidades nos sugerem, um bom coração teme, ainda que espontaneamente os faça surgir para seu próprio uso. Na medida que nossos pensamentos são estéreis, nessa mesma medida são vãos.

2. A vaidade e pecaminosidade da mente se mostram na relutância de cogitar pensamentos santos, de começar a se dispor para pensar em Deus e nas coisas que pertencem à nossa paz. Nossa mente é tão preguiçosa quanto os estudantes com seus livros e com o emprego de suas mentes com lições, por estarem suas cabeças repletas de brincadeiras. Desse modo são preguiçosas nossas mentes para adentrar em séria consideração, em graves e solenes pensamentos a respeito de Deus, da morte e coisas semelhantes. As pessoas são tão avessas a pensar na morte como os ladrões o são

quanto à execução; para pensarem em Deus, como estes são para pensar no juiz. Assim as pessoas são avessas a examinar suas ações, revisá-las, ler os escritos borrados de seus corações e "indagá-los" à noite, no fim do dia (como fazia Davi, Sl 77.6). As pessoas são tão resistentes a isso como os colegiais o são para fazer a análise sintática de suas lições e do latim falso que inventaram. "Deixa-nos", dizem eles a Deus no livro de Jó (Jó 21.14), isto é, de seus pensamentos, pois se segue: "Não desejamos o conhecimento dos teus caminhos". Eles não querem pensar a Seu respeito nem o conhecer de boa vontade.

Portanto, nossas mentes, como um estômago doente, sentem náuseas até mesmo do cheiro das coisas boas, e logo as vomitam. Elas não gostam de reter o conhecimento de Deus (Rm 1.28). Tentemos ativar nossa alma, a qualquer momento, para que tenha santas meditações, para que pense sobre o que

ouvimos, o que fizemos ou o que seja nosso dever fazer, e descobriremos que nossas mentes, como as tarraxas de um instrumento musical, escorregam entre nossos dedos, enquanto a estamos afinando. Na verdade, vocês descobrirão que a mente trabalhará para eclipsar o que quer que possa ocasionar esses pensamentos, assim como alguns se desviam do caminho quando veem que se encontrarão com alguém com quem não querem conversar. As pessoas não ousam ficar sozinhas, por medo de que esses pensamentos retornem. Os melhores encontrarão satisfação em se desculpar pelas ocasiões em que liquidaram os pensamentos acerca de coisas boas; enquanto que, em pensar sobre coisas terrenas vãs, achamos que o tempo passa rápido demais, o relógio bate muito cedo, as horas passam antes que nos demos conta delas.

3. A vaidade e pecaminosidade da mente se mostram, nas pessoas piedosas, no fato de que,

embora apreciem bons pensamentos, a mente, contudo, não está e não estará longo tempo concentrada neles. Há algumas coisas nas quais nos concentramos e podemos nos concentrar e, por conseguinte, lidar por longo tempo com elas. Por isso, em Jó 17.11, os pensamentos são chamados "posses do coração", como está no original. O coração repousa sobre pensamentos que são agradáveis. Tão concentrados ficamos muitas vezes que nosso sono foge, como Salomão diz acerca dos ímpios: "Não conseguem dormir por causa da multidão de pensamentos" (Ec 5.12). De igual modo, ele diz que, para "imaginar perversidades" o homem "fecha os olhos" (Pv 13.30), ou seja, fica extremamente atento, medita em seus esquemas, pois as pessoas costumam fechar os olhos quando estão concentradas, daí a maneira que o sábio se expressa. Mas deixe a mente se ocupar e se encarregar com coisas boas, coisas que pertencem à

nossa paz, e veja como fica instável! Essas coisas, contudo, deveriam ser as que mais atraem a concentração da mente, visto que, quanto mais excelente o objeto, mais forte deve ser a concentração da mente sobre ele. Deus é o objeto mais glorioso a que nossa mente pode se apegar, o mais encantador. Pensar sobre ele, portanto, deveria engolir todos os outros pensamentos, como se fossem indignos de competir na mesma ocasião com ele. Mas apelo a todas as suas experiências; veja se seus pensamentos sobre Deus não são os mais inconstantes; se não são, se assim posso compará-los, como quando olhamos para uma estrela por meio de um telescópio segurado por uma mão paralítica trêmula. Demora bastante para que nossas mentes venham a reconhecê-lo, para que coloquemos nossos olhos sobre ele e, quando o fazemos, como tremem nossas mãos e perdemos o foco rápida e constantemente! A verdade é que

podemos estar na mais séria conversa com Deus, quando todas as coisas deveriam ficar lá fora e não ousar entrar até que tivéssemos terminado, porém quantas fissuras há no coração, das quais brotam outros pensamentos! E nossas mentes deixam Deus e os seguem, "indo nosso coração em busca da avareza", de nosso crédito, como diz o profeta (Ez 33.31). Da mesma forma, quando estamos ouvindo a Palavra, como nossas mentes a todo momento entram e saem da igreja e não ouvem metade do que foi dito! Igualmente, quando estamos em nosso trabalho, que Deus nos ordena que façamos com todas as nossas forças (Ec 9.10), nossas mentes, como estudantes vadios ou servos negligentes, saem do caminho por causa de qualquer brincadeira, correm atrás das lebres que cruzam o caminho, seguem atrás de borboletas que zumbem ao nosso redor.

Também, quando vamos orar, Cristo nos

ordena que vigiemos e oremos (Mc 13.33), ou seja, é como se fosse nosso dever montar guarda em cada porta, para que ninguém entre e nos perturbe e interrompa. Mas com que frequência o coração se distrai, pega no sono e viaja ao outro mundo, como fazem os que dormem! As distrações nos são tão naturais, quando estamos ocupados com os deveres santos, que, como excrementos expelidos pelos homens quando estão muito fracos e doentes, antes que se deem conta disso, assim pensamentos mundanos saem de nós e somos conduzidos daquele ribeiro de coisas boas em que se encontrava nossa mente rumo a alguma poça de lama, antes que nos demos conta.

4. A vaidade da mente aparece, com respeito às boas coisas, no fato de que, se nossa mente pensa nelas, o faz, contudo *em ocasião imprópria*. Dá-se com nossos pensamentos o mesmo que com nossos discursos: sua bondade reside em sua disposição e

ordem (Pv 25.11). Se “ditas a seu tempo”, as palavras são “como maçãs de ouro em bandejas de prata”. E assim como uma pessoa deve produzir ações “no tempo devido”, assim também o deve fazer com seus pensamentos; como aqueles frutos, também esses brotos devem ser produzidos no tempo certo (Sl 1.3). Mas a vaidade da mente se mostra em pensar sobre coisas boas em ocasiões impróprias. Quando você está orando, não apenas pensamentos mundanos devem ser deixados de lado, mas quaisquer outros que não sejam os pensamentos de devoção. Mas talvez algumas ideias sobre ou para um sermão rapidamente apareçam. Da mesma forma, ao ouvir um sermão, a pessoa, com frequência, logo terá bons pensamentos que são estranhos ao dever em questão. Também quando a pessoa cai de joelhos para orar, veja lá aparecendo aquela coisa que ela estava tentando lembrar, mas já havia esquecido; coisas que lhe afetam virão para

distraí-la.

Essa má disposição dos pensamentos, supondo que sejam bons pensamentos, não deixa de ser devida à vaidade da mente. Se esses pensamentos viessem em outra ocasião, seriam bem-vindos. Descobrimos que nossas mentes estão prontas a pensar sobre qualquer coisa que não seja o que Deus, no momento, nos chama a fazer. Quando vamos ouvir um sermão, descobrimos que, então, podemos gastar nossos pensamentos com mais disposição pensando na leitura ou talvez sondando nossos corações, coisas essas que, em outro momento, quando chamados a fazê-las, estaríamos muito indispostos. Contentamo-nos em correr selvagemente sobre os campos da meditação e dos pensamentos variados, mesmo que bons, em vez de nos amarrar àquela tarefa e nos firmar em um caminho apenas.

Em Adão e Cristo nenhum pensamento

estava fora do lugar, pois, embora fossem tantos quanto as estrelas, marchavam em seus cursos e mantinham suas posições. Mas os nossos, como meteoros, dançam para cima e para baixo em nós. E essa desordem é uma vaidade e pecado, ainda que o pensamento em si seja o melhor possível. Nem todo que seja o mais talentoso deve subir ao palco para atuar, mas deve esperar o sinal da entrada. Na imprensa, ainda que as letras sejam as mais belas, contudo, se não colocadas na sua ordem e composição apropriadas, elas estragam o sentido do texto. Os soldados de modo algum devem romper com a hierarquia, nem deveriam nossos pensamentos. Há uma promessa em Provérbios 16.3 para uma pessoa íntegra de que, como alguns entendem, “os seus pensamentos serão ordenados”.

E é o suficiente para a primeira parte, a pecaminosidade exclusiva em nossos pensamentos, com respeito ao que é bom.

B. Agora, em segundo lugar, prossigo para demonstrar a vaidade positiva que aparece em nossos pensamentos com respeito ao que é mau. E aqui não se pode esperar nem, de fato, ser realizado por pessoa alguma, o ato de elencar todas as diversas particularidades de todos aqueles pensamentos vãos que passam pelo coração humano. Insistirei apenas em algumas demonstrações mais genéricas, às quais podem-se reduzir exemplos particulares, para que se tenha uma ideia dos outros.

1. A vaidade dos pensamentos mostra-se naquilo que Cristo denomina de "*afrosýne*", loucura (Mc 7.22), ou seja, pensamentos que os loucos e tolos têm, cuja tolice é vista na agitação incansável e no desassossego da mente ao pensar. É como o mercúrio, que não se pode fixar[iv]. Como Salomão diz: "Os olhos do insensato vagam pelas extremidades da terra" (Pv 17.24). Seus

pensamentos são extravagantes e correm para cima e para baixo, de uma a outra extremidade da terra, vagando sem direção, como aqueles meteoros que vemos às vezes no ar. Embora a mente humana de fato seja ligeira e capaz de correr de uma a outra extremidade da terra, o que representa sua força e excelência, Deus não quer esse tipo de força ou rapidez ou esse espírito vigoroso para pulos e balanços, como posso chamá-lo, mas sim o constante direcionamento correto de todos os nossos pensamentos para a sua glória, nossa própria salvação e o bem de outras pessoas. Ele deu ao pensamento essa rapidez para que ele se afastasse do mal, já na sua primeira ocorrência. Visto que devemos andar nos caminhos para os quais Deus nos chama, também cada pensamento, assim como cada ação, é um passo nesse caminho e, portanto, eles devem ser constantes. “Fazei caminhos retos para os pés” (Hb 12.13), diz o apóstolo, não se

desviando nem para a direita nem para a esquerda, até que cheguemos ao fim da jornada daquele assunto sobre o qual devemos pensar. Mas nossos pensamentos, no máximo, são como cães agitados que, embora sigam e acompanhem seu dono e cheguem ao fim da jornada com ele, não deixam de correr atrás de cada ave e loucamente perseguir cada rebanho de ovelhas que veem. Essa instabilidade surge de maldição lançada sobre a mente humana semelhante à lançada sobre Caim, que, "sendo expulso da presença do Senhor", tornou-se um errante. Da mesma forma, "os olhos dos homens vagam pelas extremidades da terra".

Essa tolice, ou "*afrosýne*", também é vista naquela independência em nossos pensamentos; no fato de que eles se grudam como grãos de areia. Isso vemos com mais evidência nos sonhos. E não apenas neles, mas também quando acordados e mesmo quando nos dispomos a permanecer na

maior seriedade. Nessas ocasiões, como nossos pensamentos tinem e batem em retirada! Como meninos atrevidos que, quando têm canetas nas mãos, rabiscam palavras soltas que não têm relação entre si, assim os nossos pensamentos agem. Se você examinasse as folhas que sua mente escreve continuamente, encontraria tanta bobagem em seus pensamentos como se encontra na conversa de um louco. Essa loucura e desordem encontra-se na mente desde a Queda (embora não apareçam em nossas palavras, porque nisso somos mais sábios). Se nossos pensamentos fossem registrados, encontraríamos alguns tão esquisitos que não saberíamos como eles ocorreram, nem de onde vieram, nem para onde vão. Mas como Deus faz todas as coisas em peso, número e medida exatos, da mesma forma sua imagem em nós, até onde seja renovada. E em virtude da tolice, inconstância e independência de nossos pensamentos, não

conseguimos trazê-los a um desfecho, a nenhuma perfeição, mas perdemos nosso tempo ao pensar, como costumamos dizer, sobre o nada. Como Sêneca diz a respeito da vida dos homens, que, como navios que são agitados de um lado para o outro no mar, se agitaram muito, mas não navegaram nada, o mesmo pode ser dito acerca dos pensamentos. Quando as pessoas fazem traços imperfeitos e escrevem coisas sem sentido, diz-se que elas estão rabiscando, não escrevendo. Da mesma forma, nessas tolices e independência de nosso pensamento, perambulamos e nos perdemos, mas não pensamos.

2. Ao contrário, se qualquer luxúria ou paixão violenta se apresenta, então nossos pensamentos se fixam e se resolvem de imediato, e correm em direção a esses objetos pecaminosos com tal vivacidade que não podem ser abandonados, desistidos ou rejeitados, o que é outra vaidade. Pois

nossos pensamentos e nosso entendimento foram ordenados para que moderassem, acalmassem, sossegassem e impedissem nossas paixões, quando elas estão desordenadas, para que as regessem e governassem. Mas agora nossos pensamentos estão eles próprios sujeitos a nossas afeições, e como combustível sobre elas, fazem com que fervam ainda mais. Embora nossos pensamentos sejam os primeiros a atiçar nossos medos, alegrias, desejos, etc., contudo, estando essas afeições atiçadas, prendem, fixam e ligam nossos pensamentos aos objetos pecaminosos, de modo que não podemos nos ver livres deles novamente. Por isso, Cristo diz a seus discípulos: “Por que vos perturbais e por que surgem pensamentos em vossos corações?” Pois as perturbações nas afeições fazem com que pensamentos, como fumos e vapores, sejam liberados.

Assim, se uma paixão de medo surge, ela

invoca multidões de pensamentos fantasmagóricos, os quais não conseguimos descartar nem deles esconder nossos olhos. Mas eles nos assombrarão e nos seguirão aonde quer que formos. Assim é que uma pessoa vaga perseguida por seus próprios pensamentos, como diz Isaías: "O coração medita sobre o terror" (Is 33.18).

Da mesma forma, quando a tristeza surge, como ela nos faz examinar a cruz que brilha sobre nós, coisa que seria muito fácil para a mente esquecer. Mas as paixões de alguém fazem seus pensamentos examinar seu sofrimento, dizê-lo de cor, repetidas vezes, como se não quisesse que os esquecêssemos.

Também quando o amor e o desejo surgem, seja o objeto o que for, somos tomados por ele, como a promoção, o crédito, a beleza ou as riquezas. Essas coisas põem nossos pensamentos ao trabalho, para vê-las em toda a sua extensão, da

cabeça aos pés, como dizemos, observar cada parte e circunstância que as tornam agradáveis para nós, como se tivéssemos que fazer um retrato delas.

Também quando a alegria surge, vemos a coisa com que nos alegramos e a examinamos detalhadamente, como fazemos com um livro que gostamos, sublinhamos cada título, somos minuciosos. Na verdade, tão excessivos somos nesse ponto que, com frequência, nem conseguimos dormir pensando nele. Eclesiastes 5.12 fala do homem avarento: "A abundância de riquezas não lhe permite dormir, pois há uma multidão de pensamentos na sua cabeça". Como os pensamentos perturbam os Belsazares e Nabucodonosores do mundo! (Dn 4.19). "Eles não dormem enquanto não fizerem o mal" (Pv 4.16). Se seus desejos permanecem insatisfeitos, perturbam seus pensamentos, como crianças teimosas fazem com seu choro.

Portanto, quanto mais essas pessoas se consideram livres, mais seus pensamentos se provam o maior cativeiro e tormento para elas na terra, dificultando-lhes o sono, que faz a natureza repousar, eles consomem e vivem sobre o coração que os alimenta, cansando a alma. Se a pessoa disser (como Jó 7.13): "Minha cama me confortará", pois, no sono, seus pensamentos e conversas tristes que teve quando acordada, se interromperão. Contudo, eles assombram a pessoa e a "aterrorizam" (v. 14). Ela não consegue pô-los de lado, como faz com sua roupa. E, quando morre, os pensamentos a seguirão até o inferno e lá a atormentarão mais ainda. Os pensamentos são um dos maiores carrascos no inferno, são "o verme que nunca morre".

3. A vaidade da mente aparece na curiosidade, no desejo e comichão de se alimentar, conhecer e se deleitar em pensar sobre coisas que não nos dizem respeito. Tome como exemplo disso

os acadêmicos, cuja obra principal encontra-se nesse departamento. Quantos pensamentos preciosos são gastos dessa maneira! Na curiosidade do conhecimento, como é demonstrado por aqueles que o apóstolo frequentemente repreende, que afetam "contradições do saber, como falsamente lhe chamam" (1Tm 6.4, 20), curiosidades do conhecimento, "de coisas que não viram". Também em Colossenses 2 e 1 Timóteo 4.7, ele chama as conclusões das mentes desses homens de "fábulas de velhas caducas", porque, como fábulas agradam as velhas, essas também agradam suas mentes. Com esse comichão que têm consigo, como mulheres que desejam filhos, eles não se contentam com o que o lugar e a ocasião lhes fornecem, com o que já tenham alcançado, mas, com frequência, aspiram por alguma raridade inaudita, alguma coisa forçada, ou talvez, algo impossível de alcançar. Assim as pessoas, não se contentando com as maravilhas de

Deus descobertas na profundidade de sua Palavra e obras, lançam-se em outro mar e mundo de sua própria criação, e lá navegam com prazer, como muitos escolásticos fizeram com algumas de suas especulações, gastando sua preciosa inteligência em tecer teias intricadas feitas com suas próprias entranhas.

Veja o outro exemplo de pessoas que têm tempo livre e capacidade de ler muito. Elas deveriam lastrar seus corações com a Palavra e tomar aquelas preciosas palavras e sabedoria e sadio conhecimento para o benefício de si mesmas e de outros, para edificar suas próprias almas e capacitá-las a servir seu país. Mas aonde leva sua curiosa fantasia senão para torná-las versadas em passatempos, versos satíricos, romances, declamações, que são os estranhos bordados das mentes ociosas. Elas também enchem suas cabeças com “símios e penas de pavão”, em vez de pérolas e pedras preciosas.

Um homem como Salomão pôde dizer: “O coração do que tem entendimento busca o conhecimento; mas a boca do tolo se apascenta de tolice” (Pv 15.14). Conversas ridículas agradam seus ouvidos e olhos, quando leem. Todos esses são, por assim dizer, fornecedores de alimento para os pensamentos; como camaleões, as pessoas vivem no ar e no vento.

E o que diremos de outros ainda que, por mera curiosidade do saber e para agradar seus pensamentos, ouvem todas as novidades que voejam para cima e para baixo no mundo, sujam-se com toda a conversa fiada que flutua nas bocas de homens tolos, e agradam-se em falar, pensar e ouvir essas coisas?

Não os condeno a todos, pois alguns têm um bom propósito nisso e conseguem ter utilidade nessas coisas, como Neemias, que inquiriu a respeito de como as coisas iam em Jerusalém, para se

regozijar com o povo de Deus, lamentar com eles, orar por eles e saber como amoldar suas orações de acordo com as notícias. Mas condeno esse comichão curioso que há neles, quando agem meramente para agradar sua imaginação, que muito se deleita com novidades, embora não os digam respeito. Assim eram os atenienses (At 17.21). Alguns esperam ansiosamente a semana inteira até que tenham eventos e controvérsias, e grande parte da felicidade de suas vidas reside em estudar o Estado mais que seus próprios corações e assuntos que realmente dizem respeito a suas vocações. Eles tomam os assuntos do Estado como se fossem o seu texto, a ser estudado quanto ao significado e pregado aonde quer que forem! Falo daqueles que, apesar disso, não colocam no coração os sofrimentos da igreja de Cristo nem a ajudam com suas orações, se é que oram.

Curiosidade semelhante é vista em muitos

que desejam conhecer os segredos das outras pessoas, que não lhes fariam bem algum saber, e que estudam as ações e propósitos das pessoas, não para corrigi-las ou fazer-lhes bem, mas para conhecê-las e pensar e devanear com prazer a respeito delas, quando sozinhos. Isso é curiosidade e é propriamente uma vaidade da faculdade pensante, a qual é principalmente agradada. E é realmente um grande pecado, quando grande parte dos pensamentos mais agradáveis das pessoas é sobre coisas que não lhes dizem respeito. Pois as coisas que deveríamos conhecer e que realmente nos dizem respeito são suficientes para preencher sozinhas todos os nossos pensamentos, nem teremos algum restante para poupar. Os pensamentos são coisas preciosas, os frutos imediatos e brotos de uma natureza imortal. Deus nos deu o poder de forjá-los e de concentrá-los em coisas que dizem respeito ao nosso bem, ao de nosso próximo e à sua própria

glória. Gastá-los à toa, portanto, é o maior desperdício do mundo. Examine que grão você colocou para moer, pois Deus requererá a taxa de todos eles. "Ao que cuida em fazer o mal, mestre de intrigas lhe chamarão" (Pv 24.8). Nem sempre é o que está a fazer o mal, mas aquele que o planeja (v. 9), pois, assim, ele o agrava, *a minori*[v], pois, se "cada pensamento é pecado", então uma combinação e conspiração de pensamentos ímpios é muito mais pecado.

4. Há uma vaidade pior que essa, que é a intimada em Romanos 13.14: "Nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências". "*Prónoian poieîsthai*" significa projetar desejos pecaminosos, pois os pensamentos são os fornecedores de nossos desejos maus e se responsabilizam por sua provisão. São eles que vão em busca dos melhores mercados, das melhores oportunidades para qualquer tipo de pecado, das

melhores barganhas por crédito, por promoções, por riquezas, *etc.* Por exemplo, uma pessoa quer se tornar poderosa? Seus pensamentos estudam a arte do poder, as pessoas projetam sua própria escada para ascender, inventam meios de como prosseguir, embora com frequência adquiram no processo, como Hamã, sua própria forca. Se querem enriquecer, o que elas estudam? Todas as falcatruas e truques nas cartas, se assim posso dizer. Ou seja, todos os truques astutos do mundo, todos os caminhos da opressão, defraudando e indo além de seu irmão, para conseguir coisas nas suas transações, para que sejam elas as vencedoras e os que negociam com elas, os perdedores. Isaías diz que "as armas do fraudulento são más; ele maquina intrigas para arruinar os pobres" (Is 32.7). Uma pessoa quer neutralizar um oponente que está em seu caminho e que atrapalha a sua reputação? Ela cavará e escavará, com seus pensamentos - suas máquinas -

de noite; cavará um buraco muito profundo, como diz a Escritura, e lá esconderá sua intenção, somente para destruir seu desafeto no final e de tal maneira que este sequer saberá quem o feriu. E isso é pior que tudo o que foi dito antes, essa maldade estudada e projetada. Quanto mais projeto há no pecado, pior ele é. Portanto, o que mais se objeta contra Davi é sua ação contra Urias e não tanto contra Bate-Seba; pois, contra aquele, ele usou de astúcia. Ele dominou os seus pensamentos quanto à questão; mas, no caso de Bate-Seba, os seus pensamentos o dominaram.

5. A vaidade também se mostra em representar os pecados ou fazê-los atuar em nossos pensamentos e imaginações, personificando, pela imaginação, prazeres que, no momento, não desfrutamos realmente; simulando e imaginando a nós mesmos realizando práticas pecaminosas que não temos a oportunidade de realizar exteriormente.

Os teólogos chamam isso de impiedade especulativa. Que essa ação está no poder da imaginação é evidente pelos nossos sonhos, quando a imaginação se encarrega do papel principal e, para aludir ao que diz o profeta, nos faz crer que "comemos, quando estamos famintos, e bebemos, quando nossas almas estão sedentas" (Is 29.8). Mas não quero falar desse poder e corrupção, como é o caso dos sonhos. Seria bom se, como o apóstolo fala da embriaguez, essa impiedade especulativa ocorresse apenas "à noite". Mas afeições corrompidas e desordenadas lançam as pessoas nesses sonhos durante o dia, quando estão acordadas. Ocorrem, então, para emprestar a expressão do apóstolo, "sonhos imundos" (Jd 9), que "degradam a carne", mesmo quando acordados. Quando os desejos pecaminosos dessas pessoas querem ter o que fazer, a fantasia delas ergue um palco, e elas põem em ação suas imaginações e pensamentos, para entreter seus desejos imundos e

impuros com *shows* e exibições por elas fabricadas. Assim a razão e a intenção de suas mentes sentam-se como espectadoras o tempo todo, para assistir com prazer, até que interiormente ponham seus próprios desejos impuros, projetos ambiciosos, ou qualquer outra coisa que tenham em mente realizar, para atuar.

Tão vão e vazio é o coração do homem! Tão impacientes são nossos desejos e luxúrias, quando seus prazeres são interrompidos! Quanta pecaminosidade e corrupção!

a. Primeiro, ele se mostra vão e vazio, quando se pensa em todos os prazeres do pecado, mesmo quando são plena, sólida, real e substancialmente desfrutados, não passam de sombras, uma mera capa e figura, como o apóstolo chama o mundo. É a opinião da imaginação que passa esse verniz de bondade que não se encontra verdadeiramente sobre eles. Daí que a pompa de

Agripa e Berenice é denominada *polyfantasía*. Mas esse gozo especulativo dos prazeres apenas na imaginação (do que muitos corações humanos se deliciam tanto), essa autoindulgência com os meros pensamentos e imaginações, isso é apenas sombra de sombras. Que a alma, como Íxion[vi], abrace e cometa adultério com nuvens, é uma vaidade que ultrapassa a todas as vaidades, que nos faz mais fúteis que todas as outras criaturas, as quais, ainda que estejam "sujeitas à vaidade", não estão a vaidades desse tipo.

b. Segundo, isso mostra como nossos desejos são impacientes quando são impedidos ou interrompidos em seus prazeres. A alma é tão cobiçosa que, quando se nega ou se impede o coração de desfrutar das coisas que deseja, e quando lhe falta meios ou oportunidades de agir com suas luxúrias, ela as desfrutará ao menos na imaginação, e, nesse meio-tempo, colocará a imaginação para

entreter a mente com imagens vazias dos prazeres criadas em seus próprios pensamentos.

c. Terceiro, desse modo os pensamentos se mostram extremamente pecaminosos e corruptos. Um ato exterior de pecado é como um ato de prostituição com a criatura, quando realmente desfrutado. Mas esse ato de que estamos falando é como o incesto, quando degradamos nossas almas e espíritos com essas imaginações e imagens que são geradas em nossas fantasias, sendo filhas de nosso próprio coração.

Contudo, meus irmãos, a mente humana está cheia desses deleites especulativos e dessas representações pecaminosas, como pode ser visto em muitos exemplos.

a. Primeiro, olhe que confortos as pessoas têm no presente em suas posses e no que está à sua ordem. As pessoas amam ficar sozinhas para examinar e pensar sobre suas excelências ou dotes;

e, quando estão impedidas de desfrutá-los, elas, contudo, ficarão repetidas vezes recontando e projetando, dando relatos de sua felicidade nessas coisas, aplaudindo seus próprios corações nessas coisas. Como pessoas ricas que amam o dinheiro, amam contemplá-lo e falar sobre ele, também aquelas amam dar um relato dos confortos e privilégios que desfrutam e que faltam aos outros. Falam sobre como são ricas, importantes, e como excedem os outros em inteligência e dotes e assim por diante. Quanto do precioso tempo de nossos pensamentos se esvai dessa forma! É como aquele homem no evangelho, que tinha um registro contábil em seu coração: "Alma", ele disse, "tens muitos bens para muitos anos". Também Hamã (Es 5.11) faz um inventário de suas honras e bens; fala de "toda a glória de suas riquezas e de todas as coisas sobre as quais o rei o promovera". Também Nabucodonosor (Dn 4.30), como parece, estava

andando sozinho e falando consigo mesmo como um tolo, dizendo: “Não é esta a grande Babel, que eu construí com a força do meu poder, para a glória da minha majestade? ”.

E como fazem com relação aos confortos que desfrutam, também o fazem com relação à sua excelência, como sua erudição, sabedoria, inteligência, *etc.* As pessoas adoram ficar contemplando essas coisas no espelho de sua própria especulação, como pessoas de rosto bonito amam olhar-se, com frequência e por longo tempo, no espelho. Essas coisas surgem da jactância que há nas pessoas, que tem como objetivo manter sua felicidade renovada e contínua a seus olhos. Esses pensamentos, quando não surgem no coração como ação de graças a Deus e não são usados com esse bom propósito, não passam de abanos do orgulho; são vãos e abomináveis aos olhos de Deus, como é evidente pela forma como Ele lidou com os casos

acima mencionados. Para um ele diz: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma”; quanto ao outro, “enquanto a palavra estava em sua boca” (ou seja, sem que houvesse qualquer aviso adicional), ele o ataca com a loucura e a animalidade. E Hamã, vocês sabem, era como um muro que incha antes de quebrar-se e partir-se em ruína e decomposição.

b. Segundo, esse gozo especulativo dos prazeres e essa representação dos pecados na imaginação se exibem em relação às coisas futuras. Essas coisas, quando as temos em vista ou quando há esperança nos pensamentos das pessoas de adiantarem-se para encontrá-las, com quanto contentamento seus pensamentos acariciam seus desejos! Isso apenas com base em vãs promessas e expectativas antecipadas de usufruir de coisas que estão no terreno das possibilidades. Era assim com aqueles relatados Isaías, que traziam seus corações para alturas mais elevadas de diversão, em meio à

bebida, visto que seus corações pensavam e lhes prometiam que "o dia de amanhã será como este e ainda mais abundante" (Is 56.12). Também aqueles que dizem a si mesmos: "Iremos a tal cidade, e ficaremos lá por um ano, e teremos lucro" (Tg 4.13). E essa promessa e os pensamentos antecipados a respeito dela os alimenta e mantêm seu coração confortável. Quando as pessoas se levantam pela manhã, começam a prever com muito deleite que prazeres carnais elas têm o direito e a promessa para aquele dia ou semana. Coisas como sair com companheiros para se divertir, participar de uma jornada agradável, desfrutar da satisfação de determinado desejo pecaminoso, ouvir determinada notícia, *etc.* Assim como os piedosos "vivem pela fé" nas promessas de Deus (Hc 2.4); e "por estas disposições tuas vivem os homens, e inteiramente delas depende o meu espírito" (Is 38.16), diz o rei Ezequias, ou seja, por "aquilo que Deus falou" (v.

15), também as pessoas carnais vivem com demasiada confiança nas promessas de seus próprios corações e em seus pensamentos antecipados, pois essas promessas vãs acabam sendo reduzidas a pensamentos vãos, como diz o salmista, “o seu pensamento íntimo é que as suas casas serão perpétuas” (Sl 49.11), e esse pensamento lhes agrada. Que prazer há nisso, que tanto interesse a alguém, senão que ele primeiro desfrute dessas coisas em privado, nos seus próprios pensamentos? E assim as pessoas tolamente tomam suas próprias palavras e promessas e “no seu fim serão insensatas”, como fala Jeremias (17.11). Em seus pensamentos, elas depositam confiança antecipada nos prazeres que devem desfrutar, assim como os perdulários fazem com sua renda ou os herdeiros com sua herança, antes que sequer tenham a idade para fazer uso de sua propriedade. Quando eles vêm a desfrutar de fato dos prazeres pelos quais

esperaram, ou se mostram como os “sonhadores” aludidos por Isaías 29.8, que descobrem que suas “almas estão vazias”, ou o que desfrutam está tão abaixo de sua expectativa, tão secos, que não veem nada neles, provando, assim, que havia mais em sua imaginação do que há na realidade. Isso surge da vastidão da cupidez dos desejos humanos, que é a causa dessa situação, pois ela os faz engolir tudo de uma só vez. Habacuque diz que: “Alargando seus desejos como o inferno, ele ajunta todas as nações, ele as engole em seus pensamentos” (Hc 2.5). Assim um acadêmico ambicioso age com todas as nomeações as quais aspira.

c. Terceiro, essa impiedade especulativa é exercida de igual forma com relação às coisas passadas, em rememorá-las, isto é, em fazer reviver em nossos pensamentos o prazer de ações pecaminosas passadas. Isso ocorre quando a mente revisa as passagens e circunstâncias dos mesmos

pecados, há muito tempo cometidos, com um deleite novo e fresco; quando as pessoas invocam suas ações mortas, há muito enterradas, à semelhança de quando foram cometidas, e conferenciam com elas, como a feiticeira e Saul fizeram com Satanás na forma de Samuel. Ao passo que deveriam traçar uma linha nelas e apagá-las através da fé no sangue de Cristo, elas, antes, as copiam e escrevem novamente em seus pensamentos, com o mesmo contentamento.

Assim é que uma pessoa impura pode examinar e rever cada circunstância passada em determinado ato, cometido com alguma pessoa. Assim um erudito cheio de vanglória repete em seus pensamentos uma de suas eminentes realizações, com todas as passagens que foram as mais elegantes. Assim os homens ruminam cada discurso de recomendação que outros fizeram a seu respeito. É verdade que mesmo um bom coração repete as

coisas boas ouvidas ou lidas, com a lembrança de como foram rápidos em aprender essa ou aquela passagem e que afeições os aqueceram, quando as ouviram. Ou um homem piedoso recorda com conforto as ações de uma vida bem vivida, como fez Ezequias: “Senhor, tenho andado diante de ti com um coração perfeito”. Nisso, eles atiçam e provocam seus corações para emularem uma postura semelhante. Mas os ímpios, ao contrário, costumam recordar e reviver os momentos pecaminosos mais prazerosos de suas vidas, para sugar nova doçura deles. Nada serve de mais argumento da dureza ou impiedade do coração, nem nada provoca mais a Deus que isso. Pois,

1. Isso denuncia grande impiedade de coração, impiedade tal que, quando é rotineiro que o coração aja assim, não há como ser compatível com a graça. Pois em Romanos 6.21, o apóstolo mostra que um bom coração não costuma repetir esse fruto

de ações pecaminosas passadas: “Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais”. Os santos não colhem nem destilam nada dessas flores, senão vergonha, e dor, e tristes lembranças. Quando Efraim lembrou-se de seus pecados, ele “se envergonhou e se arrependeu”, e acaso você pode, em seus pensamentos, colher uma nova colheita e milho de prazer dessas coisas repetidas vezes?

2. Isso denuncia muita dureza de coração, não havendo nada que mais se oponha à verdade e à prática do arrependimento, cujo fundamento é chamar à mente o pecado com vergonha e dor, e relembrá-lo com muito mais tristeza do que houve prazer ao cometê-lo. A atitude apropriada é “odiar a aparência” do pecado e inflamar o coração com zelo e vingança contra ele. Nisso provocamos Deus desmedidamente, nossos corações se encharcam em nova culpa, defendemos e embelezamos nossa

conduta anterior. Ainda mais, ao lembrá-lo com prazer, provocamos Deus a lembrar-se com mais ódio do pecado e a enviar novas pragas contra ele, esse mesmo Deus que, se nos lembrarmos do pecado com tristeza, dele não se lembrará. Nisso mostramos que nos deleitamos em inflamar as feridas que causamos a Cristo. Ver os pecados dos outros com prazer (Rm 1.32) é pior que cometê-los; mas muito pior é ver e reviver nosso próprio pecado com um novo deleite.

Portanto, saiba que, por mais que você se deleite em repetir para si mesmo seus pecados antigos, no inferno nada o atormentará mais do que a lembrança deles. Cada circunstância em cada pecado será então como um punhal no seu coração. Essa era a tarefa e o estudo do rico no inferno, "lembrar-se das boas coisas que recebera" (Lc 16.25) e de seus pecados cometidos ao desprezá-las. Enquanto que os piedosos, nessa questão, devem

“possuir os pecados de sua juventude com horror”, como Jó, e “tê-los sempre diante de si”, como Davi, como os ímpios ficarão continuamente aterrorizados com esses pecados no inferno! Pecados cujo castigo em grande parte nos é apresentado no Salmo 50.21: “Porei tudo à tua vista”.

d. A quarta coisa em que a vaidade especulativa se exibe é nos pecados representados com base em meras suposições imaginárias. As pessoas simulam e imaginam e arriscam suposições em seus próprios pensamentos, primeiro a respeito do que gostariam de ser e, depois, do que gostariam de fazer. Elas criam para si mesmas paraísos de tolos, e andam para cima e para baixo neles. Ficam imaginando que prazeres teriam se tivessem dinheiro o suficiente! Se estivessem em tais posições de honra, como se conduziriam! Vejam o que Absalão disse: “Ah! Quem me dera ser juiz na terra, para que viesse a mim todo homem que tivesse demanda ou

questão, para que lhe fizesse justiça!" (2Sm 15.4). Fazem isso com tamanho prazer, quase que com o mesmo prazer que aqueles que realmente desfrutam dessas coisas. Talvez esse seja o sentido do Salmo 50.18, onde se diz que o hipócrita, que, exteriormente, se abstém de pecados grosseiros, "se compraz no ladrão e aos adúlteros se associa", ou seja, em seu coração e imaginação ele se fantasia na companhia deles e deseja fazer o que eles fazem. Veja, por exemplo, alguém que é naturalmente ambicioso, a quem a natureza, a inteligência e a educação apenas transformaram em um "espinheiro, que nunca reinará sobre as árvores" e o fixaram em uma esfera inferior, tão incapaz de elevar-se ou crescer como a Terra o é de se tornar uma estrela no céu. Contudo, ele se engrandecerá em seu próprio coração, imaginando-se e supondo-se alguém importante, representando-se como um grande homem, erige um trono, senta-se nele e pensa

consigo mesmo o que fará na condição de rei ou de grande homem. Pense ainda em um homem que seja impuro, mas já envelhecido, uma árvore seca, que já não possa satisfazer seus desejos pecaminosos como antes. Contudo, seus pensamentos suprirão o que lhe falta em força ou oportunidade. E ele transforma seu próprio coração em uma cafetina, um bordel, uma meretriz, um devasso, e coisas semelhantes. Também alguém que seja naturalmente devasso ama os prazeres, mas lhe falta meios para obtê-los. Contudo, suas inclinações se satisfarão com os pensamentos de quaisquer misturas e composições de prazeres que puder ter. Ele criará para si um menu e a maneira do preparo. Se tivesse um prato de prazeres, ficaria a imaginar os ingredientes que colocaria nele. Da mesma forma, uma pessoa que é vingativa, mas a quem falta coragem, não deixa de se agradar com pensamentos e desejos vingativos, e fará invectivas e diálogos severos contra aquele a

quem odeia, na sua ausência. Um apaixonado, em sua fantasia, cortejará sua amada, ainda que ausente. Pela sua imaginação, a fará presente e criará discursos preparados e solenes para ela.

Resumindo, seja lá quais forem as inclinações e disposições das pessoas, ainda que as impossibilidades e improbabilidades de obterem o que desejam sejam as maiores, contudo, em suas fantasias e imaginações, descobrir-se-á o que desejam. As pessoas desenharão os mapas de seus desejos, calculando suas próprias inclinações, selecionarão a condição de vida que preenche seus corações e com isso elas se deleitam. E não há modo mais certo de conhecer a inclinação natural de uma pessoa do que dessa maneira.

1. Isso, contudo, não deixa de ser uma tolice tão grande quanto qualquer outra, uma imitação de crianças. Pois não é infantil fazer tortas e marionetes de argila (pois o que mais são essas fantasias) e não

é infantil agir como meninas que imitam jovens e senhoras? Contudo, essa infantilidade encontra-se no coração das pessoas.

2. Não deixa de ser também uma vaidade, porque a pessoa põe seu coração naquilo que não existe. As coisas em si não significariam nada, mesmo se alguém as tivesse (Pv 23.5); mas agradar-se com suposições é ainda pior.

3. Isso demonstra o maior descontrole de mente que se possa imaginar, quando as pessoas, em seus pensamentos, se colocarão em uma outra circunstância para a qual Deus nunca as ordenou.

PRIMEIRA APLICAÇÃO

Tendo exposto a vaidade de seus pensamentos e, por conseguinte, a sua situação, humilhe-se por elas. Para isso, me baseio em Provérbios 30.32, onde Agur nos ensina a nos humilhar tanto pelos pensamentos como pelas ações: “Se procedeste insensatamente em te exaltares ou se maquinaste o mal, põe a mão na boca”. Ora, assim como “bater na coxa” significa arrepender-se, envergonhar-se e entristecer-se em Jeremias 31.19, pôr a mão na boca significa a maior e mais profunda humilhação, mostrando plena convicção de culpa por parte de

alguém. Paulo diz: “Para que se cale toda boca” (Rm 3.19). É não ter nada a dizer, nem alegar e se desculpar dizendo que os pensamentos são livres e é impossível se ver livre deles, mas “para que te lembres e te envergonhes, e nunca mais fale a tua boca soberbamente” (Ez 16.63). É ser vil e não responder, como em Jó 40.4: isso é colocar sua mão na boca, isso é se humilhar.

E de fato há muita razão para isso, pois seus pensamentos são os primogênitos e filhos mais velhos do pecado original; são, portanto, a sua “força”, como Jacó chamou seu primogênito Rúben. São também os pais e progenitores de todos os outros pecados, seus irmãos; os primeiros conspiradores e planejadores, os Aitofels[vii], em todas as traições e rebeliões de nossos corações e vidas; são os abanos e incendiários de todas as afeições desordenadas; os alcoviteiros de todas as nossas luxúrias, que usam de astúcia para cuidar da

satisfação delas; são os perturbadores em todos os bons deveres, os interruptores, roubadores e as moscas de todas as nossas orações, que as fazem cheirar mal nas narinas de Deus.

E se a odiosidade deles não o comover, considere o número deles, pois são contínuos, o que faz nossos pecados mais numerosos que a areia da praia. Os pensamentos do coração de Salomão eram como a areia, e assim são os nossos. Em menos de um minuto mais pensamentos se passam em nós que grãos de areia passam durante uma hora na ampulheta.

Suponha que, tomados na sua multidão, eles sejam os menores e menos importantes de seus pecados; contudo, sua multidão os faz mais pesados que todos os outros. Nada há menor que um grão de areia, mas se houver um monte deles, não há nada mais pesado. Jó diz: “Minha queixa pesa mais que a areia dos mares” (Jó 6.3). Suponha que eles fossem

em si apenas como centavos em comparação com corrupções mais grosseiras; contudo, porque o manancial nunca cessa de jorrar, dormindo ou acordado, eles perfazem a maior parte daquele tesouro de ira que estamos entesourando. Saiba que Deus pedirá contas de cada centavo e no seu castigo ele não poupará você de nenhum pensamento vão. Saiba que Deus olha para nossos pensamentos e veja a acusação que ele traz contra o mundo antigo, que foi registrada em Gênesis 6.5, quando ele pronunciou o pesado julgamento de destruir aquele mundo. Acaso ele alega os seus assassinatos, adultérios e corrupções grosseiras como a causa principal da destruição? Não, mas seus pensamentos, os quais, por serem muitos e continuamente maus, o provocaram mais que todos os outros pecados.

Desça, então, ao seu coração e considere-o bem, para que você seja humilhado, para que veja a

sua maldade. E se em um cômodo se acha tamanho tesouro de iniquidade, o que se dirá de todas as outras "câmaras do corpo", como Salomão as chama? Considere-os para humilhá-lo, mas não para que toda essa multidão o desencoraje. Pois Deus tem mais pensamentos de misericórdia em si do que você tem de rebelião. O salmista diz: "São muitos os teus pensamentos (ele fala dos pensamentos de misericórdia) para conosco. São mais do que se pode contar" (Sl 40.5). Foi ontem que você começou a ter pensamentos de rebelião contra Ele, mas Seus pensamentos de misericórdia são "desde a eternidade" e alcançam "a eternidade". Portanto, em Isaías 55.7, tendo feito menção de nossos pensamentos, Ele diz: "Deixe o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar". Isso porque essa objeção de que há uma multidão de pecados poderia vir para

desencorajar as pessoas da esperança de misericórdia; portanto Ele, de propósito, acrescenta que “é rico em perdoar”. E para nos assegurar que Ele tem pensamentos de misericórdia que ultrapassam nossos pecados, acrescenta: “Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos”.

SEGUNDA APLICAÇÃO

Tenhamos sempre consciência de nossos pensamentos. Assim fez Jó quando disse: “Fiz aliança com meus olhos; por que pensaria em uma donzela?” Salomão dá um encargo especial: “Acima de tudo, guarda o coração” (Pv 4.23).

Primeiro, você deve “guardar santo o dia do Senhor”, “a você mesmo incontaminado do mundo”; “guardar seu irmão”; “guardar todos os mandamentos”; mas, acima de tudo”, “guardar seu coração” e, nele, seus pensamentos, pois esse é o grande mandamento, porque se estende, como um

fundamento, para todos os outros. Pois assim como, no mesmo mandamento que se proíbe o homicídio, também se proíbe o pensamento malicioso, também se você guardar os pensamentos, você virtualmente guarda todos os mandamentos. Assim como é dito que o pecado original é proibido em todos os mandamentos, também são proibidos os pensamentos que se têm para produzi-los.

Segundo, "porque dele procedem as fontes da vida". Pensamentos e afeições são a fonte, os discursos e as ações. Como são nossos pensamentos, assim são nossas afeições, pois essas são os combustíveis daqueles. Também se dá o mesmo com nossas orações e com tudo o mais, pois os pensamentos estão na alma como o espírito está no corpo. Eles correm por toda a alma, movimentam tudo, agem em tudo.

Terceiro, se você olhar para Deus, nossos pensamentos são aquele pedaço de chão que Ele

proclama como sua propriedade particular, e uma de suas grandes reivindicações é que Ele os conhece e os julga. Reis tentam governar suas línguas, prender suas mãos e reger suas ações. Só Deus governa seus pensamentos. Por meio deles, nós principalmente o santificamos em nossos corações; por meio deles, andamos com Deus. Não atentaremos para isso?

Quarto, se você olhar para a obra e poder da graça, onde ela reside senão em "trazer cativo todo pensamento à obediência de Cristo?" (2Co 10.5). Essa é a glória de nossa religião acima de todas as outras no mundo. Onde reside sua dificuldade, sua rigidez, o que a faz tarefa tão árdua, senão a observância e guarda dos pensamentos? Onde reside a diferença entre os cristãos de coração sincero e os outros, senão em guardar nossos pensamentos, sem o que a religião não passa de "exercício corporal"? Os papistas podem balbuciar suas orações, e os hipócritas podem falar, mas *isso* é a verdadeira

piedade.

Quinto, se olharmos para as coisas com que temos cuidado; se temos cuidado com o que falamos, porque Cristo disse que responderemos "por cada palavra frívola", por que também, pela mesma razão, não nos importaríamos com os pensamentos, que são as palavras da mente? Apenas lhes falta uma forma para que seja audível aos outros, algo que a língua se ocupa. Por isso você responderá por eles tanto quanto pelas palavras (Hb 4.12; 1Co 4.5). Se você tem cuidado com quem são suas companhias, e quem você abriga em sua casa, e quem é seu amigo íntimo, então muito mais cuidado deve ter com os seus pensamentos. Eles se abrigam em seu coração, que não é a sua casa, mas a casa de Deus, construída para ele mesmo, Cristo e sua Palavra nele habitar. O mesmo vale para as coisas que você pensa ter a mais íntima comunhão e contato com você. Portanto, quando você pensa na

palavra, é dito que ela "fala com você" (Pv 6.22). Se você é cuidadoso com o que come, porque isso pode prejudicar sua saúde, então seja cuidadoso com o que você pensa, visto que os pensamentos são o *pabulum animae* [alimento da alma], como Cícero os chama. "Comi tuas palavras", diz Jeremias, quando falou sobre meditar nelas.

Sexto, se você olhar para o desfecho das coisas, qual será o assunto do grande inquérito do dia do julgamento? Os pensamentos e desígnios (1Co 4.5). Depois do dia de julgamento, os pensamentos dos homens serão seus maiores carrascos. Quais sãos os açoites com que Deus lhe chicoteará por toda a eternidade? Seus próprios pensamentos. Pensamentos de acusação, com os quais se examinará cada pecado; e cada um deles será um punhal (Is 33.18). O tormento do hipócrita é "meditar sobre o terror", examinar a ira de Deus, a bem-aventurança dos santos e seus próprios pecados

e miséria.

REMÉDIOS CONTRA OS PENSAMENTOS VÃOS

O primeiro é ter o coração equipado e enriquecido com um bom estoque de conhecimento santificado e celestial nas verdades espirituais e celestiais. Pois “um homem bom”, diz Cristo, tem “um bom tesouro em seu coração” (Mt 12.35). ou seja, ele tem todas as graças, muitas verdades preciosas, que são como ouro no minério, que seus pensamentos, como uma casa da moeda, cunha e molda, e a palavra traz à luz. “Um bom homem do bom tesouro de seu coração retira coisas boas”. Se,

portanto, não houver minas de verdades preciosas escondidas no coração, não é de se espantar se nossos pensamentos nada cunharem senão escória, lama e pensamentos vãos, já que matérias-primas melhores, que deveriam alimentar a alma, estão em falta. Diz, então, Salomão: "Os ímpios forjam, cunham ou martelam a impiedade" (Pv 6.14). É assim que Junius[viii] lê esse texto. Ou se as pessoas têm reservas de conhecimento natural, mas lhes falta conhecimento espiritual útil, embora na companhia de outros tragam boas coisas para as conversas, quando estão sozinhas, esses pensamentos não estão com elas. Quanto a esse ponto, veja a passagem de Deuteronômio 6.6,7, que mostra que guardar a Palavra no coração e ter constante intimidade com ela e extrair conhecimento dela são meios eficazes de guardar nossos pensamentos bem exercitados, quando estamos sozinhos. Pois o fim para o qual se ordena que essas palavras da Lei sejam guardadas

no coração é, além de ensiná-las a outros, que elas ocupem nossos pensamentos quando estivermos isolados e sozinhos; quando alguém não tiver nada a fazer senão meramente exercitar sua mente com a atividade de pensar. Pois quando uma pessoa estiver cavalgando, ou andando, ou se deitando, ou levantando (que com frequência e geralmente são nossos momentos mais solitários para os pensamentos, totalmente gasto neles, pois muitos cavalgam sozinho, deitam sozinhos, etc.), contudo, então, ele diz, você deve falar acerca da Palavra. Esse mandamento alguém que está sozinho não pode cumprir, portanto, o falar aqui não significa apenas *lógos proforichós*, a conferência exterior com os outros (embora haja ocasião em que se tem em vista o falar com os outros), como na conversa com seu cônjuge ou com seu amigo. Mas suponha que você não tenha ninguém para conversar; então converse sobre a Palavra consigo mesmo, pois os

pensamentos são *lógoi endiáthetoi*, um falar com a mente. Esse é o caso ao se comparar Provérbios 6.22 com essa passagem, pelo qual ela será bem interpretada; pois Salomão, exortando ao mesmo dever de "atar a palavra ao coração" usa este motivo, que é seu fruto, "quando acordares, falará contigo", isto é, por você pensar nela ela falará com você quando você estiver sozinho. De modo que você não precisará de uma companhia melhor, ela estará presente lhe sugerindo algo.

Segundo, esforce-se para preservar e guardar afeições vivas, santas e espirituais em seu coração e não permitir que elas esfriem. Não abandone seu primeiro amor, nem o temor, nem a alegria em Deus. Se você se tornou negligente, esforce-se para recuperar essas afeições, pois seus pensamentos serão necessariamente conforme as suas afeições, e elas inclinam a mente para pensar nos objetos que lhes agradam e neles somente. Portanto, Davi diz:

“Como amo a tua lei! É minha meditação dia e noite” (Sl 119.97). Era seu amor por ela que o fazia pensar nela frequentemente. O mesmo vemos em Malaquias 3.16: “Os que temiam ao SENHOR...e os que se lembram do seu nome” são as mesmas pessoas; pois frequentemente pensamos naquilo que tememos e falamos a seu respeito. Por isso, se acrescenta que eles “falavam uns aos outros”. O temor os fazia pensar bastante em seu nome, e o pensar os fazia falar sobre ele. Como são as afeições, assim serão os pensamentos. E a fala acompanhará a ambos. Na realidade, pensamentos e afeições são *sibi mutuo causae*, ou seja, causas mútuas uns dos outros. O salmista diz: “Enquanto eu meditava, o fogo ardeu” (Sl 39). Então os pensamentos são os abanos que atiçam e inflamam as afeições, e elas, quando inflamadas, fazem os pensamentos ferver. É por isso que os novos convertidos a Deus, tendo novas e fortes afeições,

podem pensar com mais prazer sobre Deus do que os outros.

Terceiro, de todos os temores, certifique-se que seu coração seja possuído com profundos, fortes e poderosos temores e impressões da santidade, majestade, onipresença e onisciência de Deus. Se quaisquer pensamentos tiverem poder de assentar-se, fixar-se e operar na mente humana, são os pensamentos sobre Deus. Qual é a razão de os santos e os anjos no céu não terem nenhum pensamento vão por toda a eternidade, não sofrerem nenhum ataque súbito? A presença de Deus os fixa, seus olhos nunca se afastam dele. Pegue um indivíduo atrevido, extravagante e folgado e o coloque na presença de um superior a quem ele tema e reverencie, e veja se ele não ficará sossegado. Jó, portanto, tinha tanta consciência de seus pensamentos, que não ousava olhar torto (Jó 31.1,2), porque Deus está vendo, ele diz. Isso

também sossegou e prendeu os pensamentos de Davi. No Salmo 139.1-12, ele manifesta as contínuas apreensões que tinha da grandeza, majestade e onipresença de Deus. E que efeito isso teve? "Quando acordo, estou diante de ti" (v. 17). Veja que os objetos que têm impressões mais fortes e profundas na mente são aqueles que uma pessoa pensa primeiro ao acordar. Os pensamentos que Davi tinha a respeito de Deus tinham tão fortes impressões que, mesmo quando estava acordado, elas estavam com ele. Portanto, descobrimos por experiência que um meio de evitar distrações nas orações é alargar os pensamentos da pessoa em sua preparação, antes ou no início da devoção, com a consideração a respeito dos atributos de Deus e de seu relacionamento conosco. Isso irá nos tornar sérios.

Quarto, faça isso especialmente quando você acordar, como fez Davi naquele salmo: "Quando

acordo, já estou contigo". Para impedir os gases, que surgem devido ao estômago vazio, as pessoas fazem uma boa refeição pela manhã, para alimentar o estômago. Da mesma forma, para prevenir os pensamentos vãos, ruidosos e fúteis que o coração naturalmente produz e que surgem do vazio, encha seu coração logo cedo com pensamentos sobre Deus, desça até a adega divina. Quando você fizer isso, observará que, logo que abre seus olhos, há muitos pretendentes querendo sua atenção, buscando falar com seus pensamentos, como se fossem clientes nos escritórios de advocacia, muitas vaidades e assuntos. Mas fale com Deus primeiro, pois ele lhe dirá algo para que seu coração se firme o dia inteiro. E faça isso antes que a multidão de assuntos se atropele sobre você. Foi dito a respeito de alguns pagãos que eles adoravam como seu deus durante o dia inteiro o que primeira viam de manhã. O mesmo acontece com os ídolos dos corações

humanos.

Quinto, tenha um olhar vigilante e observe seu coração durante o dia. Embora haja muitas coisas nele, não deixe de observá-las, para que saibam que elas não passam despercebidas. Se alguém quer orar corretamente, deve também vigiar quem entra e quem sai. Onde se mantém rígida vigilância e supervisão, os magistrados são atentos, o delegado e o policial são diligentes em examinar os desocupados, você verá poucos deles. Se esses enxames de pensamentos desocupados marcam encontros e passeiam é porque não há uma vigilância rígida sobre eles.

Isso é, de certa forma, tudo que você pode fazer, pois eles passearão de qualquer jeito; contudo, não deixe de reclamar deles, de açoitá-los, antes de lhes dar passagem.

Sexto, não agrade sua imaginação em excesso com vaidades e entretenimentos. Essas

coisas geram pensamentos vãos, por isso Jó diz que fez uma aliança com seus olhos, para que não pensasse em uma donzela (Jó 31.1); “que teus olhos olhem direito” (Pv 4.25).

Sétimo, seja diligente na sua vocação e “tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças”, como diz Eclesiastes 9.10, ou seja, em tudo o que fizer coloque o máximo de sua vontade e força de mente. Que todo o canal flua para o trabalho do seu moinho; concentrar seus pensamentos nesse canal impedirá que eles transbordem em vaidade e tolice. 2Tessalonicenses 3.11 diz que quem não quiser trabalhar que também não coma; e 1Timóteo 5.13, fala sobre os ociosos. Não são apenas chamados ociosos porque não se preocupam com o que deveriam, mas também porque se metem onde não deveriam, indo de casa em casa. Seus corpos assim o fazem porque suas mentes vagam, não estando bem centradas. Quando

Davi passeava sozinho, em que loucuras sua alma se meteu! Deixe o solo abandonado e verá quantas ervas daninhas logo crescerão. Deus nos ordenou nossas vocações para ocupar nossos pensamentos e dar-lhes trabalho, para que não ficassem ociosos nos espaços entre os deveres da adoração, porque o espírito e os pensamentos dos homens são incansáveis e se ocuparão de uma forma ou de outra. Portanto, assim como os reis mantinham os homens de espírito mais ativo em trabalho constante, para que suas mentes trabalhassem e não arquitetassem planos inadequados, também Deus designou, mesmo no paraíso, ao espírito ativo do homem uma vocação para o manter ocupado. Deus, assim, cercou os pensamentos humanos e os colocou em uma faixa estreita, sabendo que, se descontrolados e à vontade, eles seriam como "jumenta selvagem que sorve o vento" (Jr 2.24). Apenas cuide para não sobrecarregar sua mente com

muitos assuntos, mais do que você consiga processar. Isso fez Marta esquecer da "única coisa necessária", por "estar ocupada com muitas coisas" (Lc 10.4). Isso gera preocupação, que distrai a mente (esse o significado das palavras *apo toû merizein*), dividindo-a e causando pensamentos distraídos e nada mais, de modo que a mente deixa de ser ela mesma. Isso a enfraquece, debilita e não deixa de ser vaidade. Jetro disse a Moisés, quando este se ocupava com muitos assuntos: "Tu desfalecerás como folha", seca por falta de umidade (Ex 18.18); mesmo aquela seiva que deveria ser deixada para os bons deveres se exaure. Como os sonhos surgem devido à multidão de assuntos (Ec 5.3), também uma multidão de pensamentos vem devido ao ócio.

Oitavo, na sua vocação e em todos os seus caminhos, para que tenham sucesso, "entrega teus caminhos a Deus". "Confia ao Senhor as tuas obras,

e os teus pensamentos serão estabelecidos" (Pv 16.3), ou ordenados. Ou seja, guarde-se da confusão e da desordem e daqueles enxames de preocupações, que aborrecem tanto os outros, e assim seus objetivos podem ser mais facilmente alcançados. Alguns pensamentos de fé nos pouparão muitos pensamentos de preocupação e temores, em relação ao assunto que temos em mão. Esses pensamentos são vãos, porque não promovem de modo algum o assunto em questão. Quando essas ondas perturbarem o coração e o agitarem, e os ventos da paixão aparecerem, se alguns pensamentos de fé vierem ao coração, eles logo o acalmarão.

FIM

[i] Ao que parece, há uma tradução em curso de outra obra de Goodwin, *The Heart of Christ*, um tratado magistral sobre a doutrina da intercessão de Cristo. A obra será publicada pela editora Clire, ligada ao projeto *Os Puritanos*.

[ii] BEEKE, Joel; PEDERSON, Randall. **Paixão pela Pureza**. São Paulo: PES, 2010. p. 361.

[iii] Filhos de Belial é como o Antigo Testamento costuma denominar os ímpios. (N.T)

[iv] O mercúrio é o único metal que é líquido, à temperatura ambiente. Fixar o mercúrio é comprimir a sua fluidez e torná-lo sólido. (N. T.)

[v] A expressão latina *a minori, ad maius* é uma forma de argumentação jurídica que estabelece que o que é proibido para o menos importante é, necessariamente, proibido para o mais importante.

[vi] Personagem da mitologia grega, a quem Zeus convidou para um banquete no Olimpo. Lá, Íxion assediou a esposa de Zeus, Hera. Zeus, para divertir-se, fez uma simulacro de sua esposa usando uma nuvem. Íxion possuiu a nuvem, o que veio a dar origem à raça dos centauros. (N. T.)

[vii] Conselheiro de Davi que veio a ter papel proeminente na revolta de Absalão. Sua história é relatada em 2Sm 16 e 17. (N.T.)

[viii] Franciscus Junius (1545-1602) foi um tradutor, filólogo, hebraísta e teólogo holandês. (N.T.)